

**LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM LÍNGUA DE SINAIS:
ANÁLISE DO POEMA-PERFORMANCE “SUBMERGIR
NO MUNDO”, DE PAULO ANDRADE**

João Paulo da Silva Nascimento (UERJ e UFRJ)
jpn0401@gmail.com

Fabio Carlos Noret Junior (UERJ)
fa.holegal@hotmail.com

Alesson Lemos da Silva (UFRJ)
alessonlemos@letras.ufrj.br

Brunna de Oliveira Mattos (UFRJ)
brunnamattos@letras.ufrj.br

Diana Cristina Dantas da Motta do Nascimento (UFRJ)
diana-dantas@letras.ufrj.br

RESUMO

Este artigo examina a produção literária contemporânea na comunidade surda, focando especificamente no poema-performance “Submergir no mundo”, do poeta surdo Paulo Andrade. A análise aborda como a literatura em língua de sinais, uma forma de expressão artística e cultural, reflete as experiências e identidades surdas em um mundo moldado por ouvintes. Pautando-nos em reflexões teóricas sobre o contemporâneo e tendências das expressões literárias em línguas de sinais, como a poesia Visual Vernacular (VV) e o Slam, o estudo explora os elementos visuais e gestuais do poema-performance eleito como protagonista de análise, destacando como este transcende convenções estéticas. De modo geral, nossa análise indica que a literatura em língua de sinais, especialmente a Libras, não só demonstra a pluralidade da cultura surda, como também desafia as noções tradicionais de literatura, ampliando os horizontes para novas formas de arte e comunicação concebidas no contemporâneo.

Palavras-chave:

Poema-performance. Paulo Andrade. Literatura em língua de sinais.

ABSTRACT

This article examines contemporary literary production in the deaf community, focusing specifically on the poem-performance “Submergir no mundo”, by deaf poet Paulo Andrade. The analysis addresses how literature in sign language, a form of artistic and cultural expression, reflects deaf experiences and identities in a world shaped by hearing people. Based on theoretical reflections on contemporary and trends in literary expressions in sign languages, such as Visual Vernacular (VV) poetry and Slam, the study explores the visual and gestural elements of the poem-performance chosen as the protagonist of analysis, highlighting how this transcends aesthetic conventions. In general, our analysis indicates that literature in sign language, especially Libras, not only demonstrates the plurality of deaf culture, but also challenges traditional notions of literature, expanding the horizons for new forms of art and communication conceived in contemporary times.

Keywords:

Poem-Performance. Paulo Andrade. Literature in Sign Language.

1. Introdução

Este texto tem o intuito de discutir o slam surdo, enquanto uma expressão artística que utiliza recursos extralinguísticos das línguas de sinais para a construção de sentido. Para isso, analisamos uma poesia performática com marcas híbridas do slam e da Visual Vernacular (VV), produzida por um discente surdo do curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Baseando-nos em reflexões teóricas acerca das literaturas em línguas de sinais e seus atravessamentos no contemporâneo, argumentamos como dois diferentes elementos visuais podem coexistir nas produções literárias da comunidade surda brasileira.

Iniciando a discussão, faz-se necessário pensar que, para além de romper barreiras linguísticas, a Lei nº 10.436/2002, popularmente conhecida como “Lei de Libras”, contribuiu ainda mais para a valorização da cultura surda, uma vez que os direitos assegurados aos sujeitos surdos usuários da Libras impulsionaram o desejo destes de se expressarem em sua própria língua. A partir disso, é possível afirmar que este reconhecimento identitário influenciou novas manifestações culturais, artísticas e literárias que, por sua vez, tomaram proporções significativas na comunidade surda.

Nesse contexto, surgem artistas surdos que, assumindo o próprio protagonismo, enriquecem e disseminam sua cultura através de produções autorais que carregam suas histórias, suas experiências de vida e suas percepções de mundo. Dessa forma, observar essas manifestações poéticas é entender quem são as pessoas que produzem literatura surda brasileira em línguas de sinais e de quais formas elas corroboram para solidificar o reconhecimento literário de sua língua, que vive aos assombros da minorização.

Tendo em vista que essas obras e manifestações requerem reconhecimento, é imprescindível que o sujeito surdo e a Libras sejam os protagonistas. Assim, há a necessidade da difusão dessas obras, como ocorreu em tempos passados essa disseminação do poeta surdo Edinho Santos com a interpretação de James Bantu, que foram os pioneiros nesse nicho, trazendo esse conhecimento, bem como mudando questões políticas e identitárias que permearam a nível nacional quando estiveram representando o slam surdo em competições Brasil a fora. Manifestações Literárias dos surdos, pensadas no contemporâneo, embora ainda estejam em processo de

solidificação, têm sido importantes para a ratificação do “sentir-se pertencentes”, tendo em vista que os surdos são estigmatizados constantemente, comprometendo socialmente a sua credibilidade na criação e aperfeiçoamento literários quando pensado em algo realizado de forma autoral, trazendo o viés literário, e não uma releitura de uma obra terceirizada. Dado o recorte espaço-temporal, pensamos que

O contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder (AGAMBEN, 2009, p. 72)

Como resultado disso, destacamos aqui dois tipos de produção literária de extrema relevância na comunidade surda, o slam surdo e a VV, que serão aprofundados na seção seguinte deste trabalho. Por ora, é possível refletir que, ainda que tenham intenções distintas, ambos os tipos são formas de expressão artístico-performativa que utilizam recursos linguísticos (léxico, estrutura e expressões faciais e corporais) e extralinguísticos (classificadores e prosódia) para construir o sentido da poesia.

Neste artigo, indagamos se uma poesia slam tem a possibilidade de coexistir com as técnicas da VV considerando suas características em comum e compactuando com a ideia de imprecisão do contemporâneo, conforme afirmam Garramuño e Kiffer (2014). Essa discussão é empreendida por meio de um gesto de leitura do poema-performance “Submergir no mundo”, de Paulo Andrade, apresentado após as reflexões teóricas.

2. Reflexões teóricas

A literatura é um elemento cultural e, portanto, para a comunidade surda de forma ampla, constitui-se o desejo de conhecer e expressar sua cultura em sua língua materna. Desta maneira, a partir da literatura surda em língua de sinais, é possível adentrar a um mundo de mimeses, essencial à formação de sua identidade e ao crescimento e disseminação da cultura surda (Cf. ARAÚJO, 2023).

As línguas de sinais são utilizadas pelas comunidades surdas como principal meio de comunicação e expressão artística. Havendo a necessidade de se expressar de forma ampla e disseminar a cultura surda, a literatura surda surge como uma forma de expressão e registro cultural a partir

das vivências daqueles que compõem a comunidade. Karnopp (2010) define:

Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente. (KARNOPP, 2010, p. 161)

A literatura surda é imprescindível para a vida dos surdos, pois oferece muito mais do que apenas entretenimento. Permite o acesso a uma variedade de contextos imagéticos e visuais de expressão que são significativos para a comunidade surda. Além disso, permite que as pessoas surdas se vejam refletidas através de histórias, personagens e experiências compartilhadas. Sendo uma língua visual-espacial, a Libras tem sua estrutura linguística centrada principalmente na corporeidade. Devido à sua expressão performática e aos elementos gerais que fortalecem a identidade do indivíduo, o slam e a VV são produções que compõem a literatura aqui mencionada.

Idealizado por Marc Kelly Smith, o slam é uma forma de expressão artística entusiástica que transcende os limites da poesia convencional. Os poetas envolvem o público com seus discursos comoventes e emocionantes nesta cena dinâmica e apaixonante, abalando as normas e motivando uma profunda reflexão. Tendo se espalhado por todo o mundo desde sua fundação, a performance própria e a interação direta com o público atraem comunidades de artistas e admiradores ansiosos por novas experiências poéticas. Os slams, de acordo com Smith e Kraynak (2009), são eventos que reúnem pessoas, onde a poesia não é definida ou avaliada de acordo com padrões impostos por uma classe dominante. As relações que se formam e se desenvolvem são tão essenciais quanto qualquer outro fator.

Este formato permite aos participantes expressarem as suas experiências, lutas e triunfos pessoais através da poesia, utilizando uma linguagem autêntica para abordar temas que muitas vezes são considerados tabus ou marginalizados na sociedade. O slam não apenas celebra a diversidade humana, mas também promove a conscientização e a compreensão de questões importantes de justiça social e direitos individuais (Cf. ARAÚJO; NASCIMENTO, 2021). É caracterizado por uma competição de ideias de contestação e reafirmação identitária acerca de uma temática social explanada por atores, produtores culturais, artistas, professores, cidadãos ou comunidade (Cf. SANTOS, 2019).

Após pesquisar a origem do *poetry slam*, produção artística norte-americana, Roberta Estrela D’Alva tornou-se pioneira do slam brasileiro ao fundar uma comunidade para este tipo de manifestação. A partir dessa iniciativa, o movimento trouxe aos holofotes slammers – termo dado aos artistas do grupo – com diferentes perfis que apresentavam performaticamente suas poesias autorais, denunciando as diversas formas de discriminação que vivenciavam durante a vida (Cf. ARAÚJO, 2023).

Ao longo dos anos, o slam ganhou popularização e influenciou a criação de outros grupos e categorias, sendo o slam surdo uma delas. Segundo Araújo (2023), o primeiro grupo a representar a comunidade surda foi o Slam do Corpo que, assim como outros grupos, ainda hoje segue as três regras básicas - poesias autorais, apresentações de até 3 minutos e sem uso de efeitos especiais – e divide-se em duas modalidades – corpo aberto e batalha. Enquanto a modalidade de corpo aberto permite que os poetas performem livremente e que não haja competição entre eles, a modalidade de batalha segue à risca as regras supracitadas e os participantes recebem notas de 0 a 10 dos jurados.

Analisando as apresentações em ambos os formatos, observa-se a combinação entre a cultura, a complexidade da língua de sinais e a *performance* artística que contam histórias individuais e/ou coletivas. Para tal, o slam surdo apropria-se de sua língua e os recursos disponíveis e necessários como expressões faciais e corporais e classificadores – configurações de mãos que apresentam versões imagéticas de características de pessoas, objetos ou animais (Cf. FELIPE, 2006). Além de celebrar a criatividade, estes eventos são também essenciais para promover a consciência da cultura surda e defender as questões que afetam esta comunidade que socialmente são estigmatizadas (Cf. QUIJANO, 2009).

O surgimento da VV, por outro lado, deu-se pelo encontro entre um ator surdo chamado Bernard Bragg e um mímico chamado Marcel Marceau. Segundo Monteiro (2023), Bragg enxergou nas técnicas da mímica e nas técnicas cinematográficas uma forma de transmitir uma mensagem e contar histórias. Com estas referências, o ator formalizou o termo “Visual Vernacular” (VV) para classificar as adaptações que trouxe para este tipo diferente de arte performática.

A partir desse diálogo, é fundamental destacar outros artistas que pertencem a esse gênero estético que utiliza a combinação de expressões faciais, iconicidade, poesia, ritmo e, especialmente, técnicas cinematográficas.

Nesse sentido, Bernard Bragg, Giuseppe Giuranna e Guy Bouchauveau são autores que buscam representações das identidades surdas utilizando essa estética para criar uma forma de arte visual (Cf. BRANDWIJK, 2018).

Primeiramente utilizado para descrever ações em filmes, a VV traz *performances* teatrais e utiliza estratégias como enquadramento, alternância entre os planos e a mudança de cenário para a narração de histórias, poesias, músicas, dentre outros. No Brasil, a circulação desta arte vem da década de 50, quando alunos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) contavam as histórias vistas nos filmes exatamente como as viram na tela, misturando elementos linguísticos e estratégias de imitação (Cf. RAMOS; ABRAHÃO, 2018). Esse cenário, inclusive, nos faz considerar que

As emoções expressas na face ou impressas no corpo podem estar acessíveis aos espectadores. As representações icônicas das ações – especialmente se ‘encenadas’ por meio de uma ação construída/incorporação – podem ser compreendidas. O conhecimento prévio pode contribuir na compreensão do poema norteando suas interpretações (SUTTON-SPENCE; QUADROS, 2014, p. 214-15).

A comunidade surda criou a VV, uma forma de comunicação visual rica e expressiva que tem sua origem nas tradições de *performance* da comunidade surda. Apesar de ser fortemente influenciado pela língua de sinais, a VV difere desta pela ênfase na representação visual direta, sem palavras sinalizadas. Segundo Ramos e Abrahão (2018),

A Visual Vernacular é uma forma estética performática e narrativa, produzida a partir das línguas de sinais, mas que, propositalmente, usa poucos sinais padronizados – e, por vezes, nenhum. Ela propõe a articulação desses poucos sinais relacionada à percepção de classificadores. Caracteriza – se pela elaboração de processos narrativos em terceira dimensão, através do uso de elementos e estratégias da linguagem cinematográfica. Hibridiza-se, ainda, com a poesia, o teatro, a mímica e a dança, mesclando-os em sua estrutura. (RAMOS; ABRAHÃO, 2018, p. 63)

Com efeito, a VV fornece uma forma de comunicação acessível e envolvente para a comunidade surda e para pessoas que não falam a língua de sinais. Tanto os *performers* quanto os espectadores são incentivados a serem criativos ao explorar novas formas de expressão visual. Essa forma de arte ainda está em desenvolvimento e precisa de mais atenção, na medida em que requer conhecimentos específicos que vão além das técnicas de atuação e língua de sinais convencionais.

3. “Submergir no mundo”, de Paulo Andrade

A obra analisada nesta seção é um slam produzido por um discente surdo do curso de Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFRJ, Paulo Andrade. Em seu segundo ano letivo, já nos primeiros meses, Paulo conseguia grande destaque entre colegas surdos e ouvintes por, dentre outros motivos, se posicionar politicamente na comunidade. Sabendo de sua vocação como poeta, solicitamos a ele uma poesia autoral em slam para nosso objeto de análise deste trabalho.

De forma solícita, Paulo nos forneceu um vídeo caseiro de 42 segundos. Nele, podemos perceber que o slammer em nenhum momento utiliza a Libras para expressar o seu sentimento, porém, de forma poética, faz uso de VV e expressões corporais para uma demonstração de estar submergindo. Entretanto, a razão deste sentimento não é expressa claramente. Observamos uma experiência imersiva enfatizando a narrativa visual e o impacto emocional, que, por sua vez, pode abordar uma variedade de problemas, incluindo sua própria história pessoal e cultural, bem como questões sociais e políticas e a sua identidade surda é fortalecida e a apreciação da cultura visual é promovida.

Ratifica-se assim, que dentro de uma obra autoral na perspectiva do uso de classificadores e incorporação imagética, fica livre o entendimento quanto ao uso de VV ou Slam, tendo em vista que ambos podem conter essas estratégias numa sinalização metafórica, trazendo uma mensagem implícita e compactuando com a imprecisão e hibridez das produções literárias contemporâneas, de maneira geral (Cf. GARRAMUÑO; KIFFER, 2014). O poema em questão pode ser acessado por meio do QR Code a seguir:

Figura 1: Poema-performance “Submergir no mundo”, de Paulo Andrade.



Fonte: YouTube.

Com o título “Submergir no Mundo”, o poema-performance de Paulo Andrade materializa a sensação de uma pessoa surda de se sentir

invisível ou submersa em uma sociedade predominantemente ouvinte, destacada pelas barreiras de comunicação e a luta pela visibilidade e inclusão (Cf. SACKS, 2010).

A VV é usada para demonstrar uma cena vívida de submersão e emergência, o que nos permite observar claramente as correntes de água puxando o performer para baixo e uma imagem de rompimento da superfície. As metáforas visuais da água e da submersão servem como representações da invisibilidade e da exclusão. As imagens que quebram a superfície da água servem como uma metáfora para romper os obstáculos da comunicação e se abrir para todos. Entendemos que a água é como uma barreira e a superfície da água é a linha entre invisibilidade e visibilidade. Ele luta para ser aceito na sociedade, mas as barreiras linguísticas e atitudinais o impedem de prosseguir e fazem com que ele perca a força e vai submergindo. Entendemos também que esse processo supostamente pode ter começado na infância e avançado para a vida adulta, mostrando a evolução da luta e resistência.

Ainda que seja um vídeo curto, é possível perceber algumas características cruciais que trazem precisão e clareza para a *performance*. A apresentação do performer demonstra uma alternância entre as expressões faciais saindo de uma sensação de tranquilidade, passando por uma dor e logo após uma fraqueza. Por fim, traz uma expressão de certa tristeza, o que pode ajudar a destacar uma jornada emocional de introspecção.

Da mesma forma, o uso de diferentes velocidades de sinalização pode indicar a intensidade emocional em diferentes partes do poema. O poema pode seguir uma narrativa que descreve a experiência de submersão, começando com a sensação de isolamento, progredindo para a busca por reconhecimento e inclusão e finalizando com uma tentativa mal sucedida. Um ato de resistência e busca por acolhimento, além de sentimentos de isolamento e invisibilidade.

Movimentos como braços que parecem estar “lutando para emergir” são exemplos de movimentos que representam o afogamento, um signo metafórico, que representa todo o processo de luta da comunidade surda em um mundo moldado segundo a lógica ouvintista. No início, as posturas são fechadas e retraídas, mas se abrem gradualmente ao longo do poema para representar essa luta pela visibilidade. Em seguida, o braço “afundando” representa a submersão.

A *performance* provoca uma resposta emocional no público, com o performer demonstrando a luta, a dor e a esperança, inspirando a reflexão

sobre as dificuldades que a comunidade surda enfrenta e a importância de ser incluída e vista. As pessoas ao redor podem se conectar à experiência relatada, com sentimentos comuns, como inspiração, tristeza e empatia e, com isso, tornam-se mais conscientes das dificuldades diárias das pessoas surdas e são incentivadas a apoiar mudanças sociais positivas.

4. Considerações finais

A partir da observação dos aspectos analisados neste trabalho, entendemos que, como um campo vibrante e importante das artes literárias e visuais, a literatura surda oferece um canal de materialização discursiva propício à expressão cultural, linguística e identitária das comunidades surdas. A análise da *performance* surda do slammer Paulo Andrade demonstra a complexidade e profundidade dessa forma de arte, que transmite mensagens imprescindíveis usando elementos visuais, linguísticos e performáticos.

A análise de uma *performance* enfatiza o papel de cada componente na construção de uma história coesa e impactante. Através da força da expressão visual e performática, essa forma de arte oferece um canal para vozes marginalizadas, promovendo a inclusão, a empatia e a mudança social, na medida em que possibilita ao subalterno o direito à fala por si mesmo, para utilizar do léxico sugerido por Spivak (2010). O slam surdo é uma arte performática que transcende a comunicação convencional e cria experiências impactantes usando a riqueza da Língua de Sinais e elementos visuais. *Performances* como “Submergir no Mundo”, analisada neste trabalho, não apenas nos fazem refletir sobre impactos sociais, políticos e culturais que a comunidade surda vivencia constantemente, como também faz com que as pessoas entendam o quão graves podem ser esses impactos.

Defendemos que a VV é um método, no sentido de definir-se como um procedimento linguístico de caráter estético, inovador e inclusivo de comunicação e expressão artística na comunidade surda. Uma das maiores forças na *performance* de VV é sua capacidade de despertar fortes sentimentos e atenção para questões sociais, uma linha mestra comum ao slam. Temas e experiências difíceis são tornados acessíveis e entendíveis para povos diversos por meio da representação visual e performática.

A VV, a nosso rigor de análise, transcende as barreiras linguísticas ao oferecer uma forma universal de narrativa visual que integra elementos de mímica, linguagem corporal e técnicas cinematográficas. Além de

melhorar a educação e as artes performáticas, essa técnica também aumenta a compreensão e a valorização das experiências da comunidade surda. O potencial da VV, portanto, para transformar a comunicação visual e a expressão artística é imenso, tornando-se uma ferramenta vital para a inclusão e a criatividade em várias esferas da sociedade, inclusive no literário.

Por fim, endossamos que o slam surdo é um evento cultural vibrante que ajuda a dar voz à comunidade surda. A cultura surda é melhorada por esse movimento, que também fortalece a união da comunidade e a identidade. Ademais, o slam surdo é também utilizado para defender direitos e inclusão. Assim, o impacto do slam surdo vai além da poesia, aumentando a visibilidade e o reconhecimento da cultura surda na sociedade, o que tende a ser enriquecido pela valorização de vozes contemporâneas, como a de Paulo Andrade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Rio de Janeiro: Argos, 2009.

ANDRADE, P. *Paulo Andrade – Slam surdo “Submergir no mundo”*. Youtube, 24 de jun de 2024. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/bdxeelW74oE?feature=share>. Acesso em: 18 jul. 2024.

ARAÚJO, D. R. *Autorrepresentações e afirmações identitárias em Le cri de la mouette (1994), de Emmanuelle Laborit: um olhar intimista sobre a condição surda*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

ARAÚJO, Danielle Reis; NASCIMENTO, João Paulo da Silva. Slam surdo: expressão contemporânea da Literatura Brasileira? *Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, v. 12, n. 1, p. 248-57, Rio de Janeiro, 2021.

ARAÚJO, Wanderlina Maria de Souza; SOUZA JUNIOR, Fábio Vieira de; PEREIRA, Vinicius Carvalho. Slam Surdo: análise das dimensões política e poética na performance “O mudinho”, de Edinho Santos. *Texto Poético*, v. 16, n. 31, p. 6-25, 2020.

BRANDWIJK, M. V. *Visual Vernacular An Inter and Intra Sign Language Poetry Genre Comparison*. Trabalho de Conclusão de Curso (Linguística, Linguagem e Cognição) – Leiden University, 2018.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavras na Libras. *ETD Educação Temática Digital*, v. 7, n. 02, p. 200-212, 2006.

GARRAMUÑO, F.; KIFFER, A. P. (Orgs). *Expansões contemporâneas*. Literatura e outras formas. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: Análise da Literatura Surda. *Cadernos de Educação*, v. 36, p. 155-74, Pelotas, maio/agosto 2010.

MONTEIRO, C. J. *Um estudo da visual vernacular (VV): cultura e literatura surda em diálogo com a estética da recepção*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder a Classificação Social. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M.P. (Orgs). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 73-117

RAMOS, D. C. M. P; ABRAHÃO, B. Literatura surda e contemporaneidade: contribuições para o estudo da Visual Vernacular. *Pensares em Revista*, n. 12, p. 56-75, Rio de Janeiro, 2018.

SACKS, Oliver. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTOS, N. de J. O slam do corpo e a representação da poesia surda. *Revista de Ciências Humanas*, v. 18, n. 11, p. 1-13, 2019.

SMITH, Marc Kelly; KRAYNAK, Joe. *Take the mic: the art of performance poetry, slam, and the spoken word*. Naperville: Sourcebooks Media Fusion, 2009.

SPIVAK, Gaytri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.